

CorpoCidade e as epistemologias dos ventos: uma experiência de liberdade¹

CuerpoCiudad y las epistemologías de los vientos: una experiencia de libertad // BodyCity and the Epistemologies of the Winds: An Experience of Freedom

Camila Reis Tomaz²

PPGeo - UERJ

corporalidadeafroindigena@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8191-1388>

Daniel Pires Mendes³

PPGeo - UERJ

daniel_mnds34@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4296-0531>

Nilton Abranches Junior⁴

PPGeo - UERJ

niltonabranches07@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-3940-2141>

Fecha de recepción: 30 de abril de 2025

Fecha de aceptación: 11 de septiembre de 2025



Como citar: Reis Tomaz, C., Pires Mendes, D., & Abranches Junior, N. (2025). CorpoCidade e as epistemologias dos ventos: uma experiência de liberdade. *Corpo Grafías. Estudios críticos de y desde los cuerpos*, 13(13), pp. 32-41. DOI: <https://doi.org/10.14483/25909398.23582>

¹ Artículo: reporte de caso

² Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cursando Licenciatura na mesma instituição, com previsão de formatura para 2023. Instrutora de um ioga com atravessamentos ancestrais originários e afro diaspóricos há 11 anos, sendo 4 anos monitora na disciplina Fundamentos de Yoga, eletiva dos cursos de Educação Física da UFRJ. Pesquisa territorialidades na e da Conservação da Natureza, especialmente sobre as identificações com e a partir do Meio. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO, 2019-2021). Fundei e coordenei o Pré-Mestrado para GPs, posteriormente, co-fundei e co-coordenei o Grupo de Estudos Saberes de Fresta (GESF GeoTales- UNIRIO, 2020-2022). Fiz parte do Núcleo de Estudos Cultura Popular e Sociedade, criando sua identidade visual, rede social e materiais de divulgação científica preta (2020-2023). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com previsão de conclusão em 2026. Integro o Grupo de Trabalho Pesquisa e(m) Ação e o Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização (ambos UFF) e o GeoCorpo (UERJ).

³ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atualmente cursando Educação Física na mesma instituição, com previsão de formatura para 2025. Integrou o Grupo de Estudos Saberes de Fresta (GESF GeoTales- UNIRIO, 2020-2022). Pesquisa diferentes expressões das relações entre sujeitos atletas de basquete amador e espaços de prática do esporte.

⁴ Bacharel e Licenciado em Geografia pela UERJ, mestre e doutor pela UFRJ, com pós-doutorado em Geografia Humana (UFRJ) e em Direitos Humanos (UFPB). É professor associado do Departamento de Geografia Humana, do Instituto de Geografia da UERJ- Maracanã. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ/Maracanã, da linha de Cultura e Natureza.

Resumen

Durante o “V Encontro Latino-americano de Investidores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas” foi oferecida a oficina “CORPOCIENTE E CIDADE: CORPO-ORALIDADES EM LUTA, SAÚDE E A CIÊNCIA DE SI E(M) RESISTÊNCIA”. Reflete-se neste manuscrito sobre a experiência da construção da oficina, mais especificamente sobre o diálogo teórico-metodológico entre as referências utilizadas pelos pesquisadores e seus métodos próprios desenvolvidos cotidianamente na relação Corpo- Natureza. Este aprofundamento foi solicitado por uma participante após a oficina pois, ainda que houvesse já vivenciado práticas de yoga e/ou conscientização corporal, não havia protagonizado o diálogo que a oficina propôs. Os idealizadores, discentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), embasam suas pesquisas em andamento, sendo um mestrado e um doutorado, em ancestralidades originárias, afrodiaspóricas e em práticas aliançadas afroindígenas como a Capoeira, o Jongo, entre outras. Consideram-se as epistemologias corporais contracoloniais eficientes inspirações para práxis com e pela diferença que não busca necessariamente o consenso e tampouco evita o conflito.

Palabras clave

Territorialidades, Corpo-Território-Natureza, Encruzilhadas Geopoéticas

Abstract

During the 5th Latin American Meeting of Researchers on Bodies and Corporalities in Cultures, the workshop “corpociente e cidade: corpo-oralidades em luta, saúde e a ciência de si e(m) resistência” was offered. This manuscript reflects on the experience of creating the workshop—specifically, on the theoretical-methodological dialogue between the references employed by the researchers and the methods they develop daily within

the Body–Nature relationship. This in-depth reflection was prompted by a participant after the workshop, who noted that although she had previously engaged in yoga and body awareness practices, she had never been the protagonist of the kind of dialogue proposed in the session. The workshop creators, graduate students in the Postgraduate Program in Geography at the State University of Rio de Janeiro (UERJ), ground their ongoing research—one at the master’s and one at the doctoral level—in originary ancestries and Afro-diasporic and Afro-Indigenous allied practices such as Capoeira and Jongo, among others. Countercolonial body epistemologies are considered powerful sources of inspiration for a praxis *with* and *for* difference—one that does not necessarily seek consensus or avoid conflict.

Keywords

Territorialities; Body–Territory–Nature; Geopoetic Crossroads

Resumo

Durante el «V Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas» se ofreció el taller «corpociente e cidade: corpo-oralidades em luta, saúde e a ciência de si e(m) resistência». Este manuscrito reflexiona sobre la experiencia de construcción del taller, más específicamente sobre el diálogo teórico-metodológico entre las referencias empleadas por las investigadoras y los métodos que desarrollan cotidianamente en la relación Cuerpo–Naturaleza. Esta reflexión en profundidad fue solicitada por una participante después del taller, ya que, aunque había experimentado previamente prácticas de yoga y/o conciencia corporal, no había sido protagonista del tipo de diálogo propuesto por la actividad. Las creadoras, estudiantes del Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad del Estado de Río de Janeiro (UERJ), fundamentan sus investigaciones en curso —una de maestría y otra de doctorado— en ancestralidades originarias y en prácticas

afrodiáspóricas y afroindígenas aliadas, como la Capoeira y el Jongo, entre otras. Las epistemologías contracoloniales del cuerpo se consideran fuentes potentes de inspiración para una praxis *con* y *para* la diferencia, que no busca necesariamente el consenso ni evita el conflicto.

Palavras-chave

territorialidades; cuerpo–territorio–naturaleza; encrucijadas geopoéticas

Cidade, Lutas e Saúde: introdução

Este é um relato de construção teórico metodológica de oficina realizada durante um evento internacional no campo da antropologia da arte. Sua publicização se justifica pelo aprofundamento teórico e descrição metodológica da construção de saberes corporais de pesquisadores afroindígena e indígena em contexto urbano. Este, portanto, se organiza em quatro momentos. Inicialmente, apresentamos a oficina e seu contexto de realização, assim como um breve histórico de oficinas anteriores que participaram de seu percurso formativo enquanto objeto de estudo em constante movimento. Em seguida, listamos as principais referências utilizadas no embasamento técnico científico do roteiro da oficina, considerando suas defesas conceituais e alinhamentos político-metodológicos com os fazeres dos presentes autores. No terceiro momento, relatamos a experiência de construção da oficina, a partir de registros da vivência continuada dos pesquisadores em reflexões e construções teóricas de experimentações diversas nos campos da educação e da cultura do movimento, sempre em diálogo com as territorialidades em questão. Por fim, consideramos sobre as experiências, apontamos lacunas percebidas durante a construção e a execução e notabilizamos a potencialidade de oficinas como a nossa para a sociedade atual, dominada pelo cansaço (Han, 2017).

No mês de novembro de 2024, durante o “V Encontro Latino-americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas”, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, a oficina “CorpoCiente e Cidade: Corpo-oralidades em Luta, Saúde e a Ciência de Si e(m) Resistência” foi ministrada por quatro horas durante uma manhã ensolarada e fresca, em uma sala de chão de tablado do prédio destinado às Artes. A oficina foi construída meses antes, quando a primeira circular do evento foi recebida pelos proponentes da práxis. Elaborada de maneira a continuar duas propostas anteriores, a oferta de conscientização corporal mediada por epistemologias contracoloniais se destinava a corpos em luta na cidade, em resistência às inequidades promovidas por ela (Reis et al., 2024, Mendes & Reis, 2024).

As propostas práticas anteriores se deram uma em espaço fechado e outra em espaço aberto de livre acesso, ambas em contextos acadêmicos e se utilizaram do chão coberto por tecidos simples compartilhados ou não para a experimentação multissensorial de se deitar em um chão público. Em ambas as situações anteriores, o convite inicial e final foi o mesmo: observar a própria respiração buscando se perceber quanto onde estava, como estava e em que contexto socioemocional se encontrava naquela presença específica. Durante a práxis, questões como o cansaço sentido em uma semana onde a exploração do corpo dos participantes se deu no trabalho, no caminho de suas casas e por vezes na soma das jornadas de trabalho interno e externo à casa somaram-se a chamada de atenção para aquele ser um momento de pausa, assim foram apresentadas algumas questões corpo-orais orientadoras e frequentemente reelaboradas para ampla observação.

A primeira proposta prática, o minicurso “Conscientização corpo-oral: saberes da mata na Conservação de Si” foi realizado durante o XI Simpósio de Educação Física e

Dança, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2022⁵. Essa experiência se destinou a pessoas que, ao buscar por uma vaga em minicursos do evento, se reconhecessem continuidade de ancestralidades afroindígenas. O chamado para o público já, por si só, gerou perguntas durante a aproximação inicial em divulgações e durante a realização. A proponente, e autora deste, se utilizou de memórias para construir uma condução que convidaria aos corpos presentes a lembrarem de que se preenchem. E, assim, ares e águas e terras foram descritas nas provocações de movimentos de leveza, fluidez e foco dos participantes. Todo o minicurso foi construído para ser conversado, em roda e, pela oralidade, muitas memórias da autora na Mata à beira-Mar em que cresceu se inscreveram no espaço da sala espelhada, fechada, no segundo andar de um prédio de faculdade. Ao solicitar a movimentação livre, outras memórias, de outros territórios-Natureza seriam convidados a se inscrever no espaço construído, fechado e moderno.

A segunda experiência prática prévia à que origina este trabalho foi um minicurso realizado durante a 12ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, “Corpo-oralidades de autodefesa no Jongo e na Capoeira”⁶, ministrado junto a bailarina Ariane Luzia Mendonça da Silva com a orientação do Prof. Dr. Renato Mendonça Barreto da Silva. A proposta continuou o debate sobre as memórias de oralidades antepassadas inscritas nos corpos da autora e seus pares. Foram pensados momentos de tato, visão, audição e descrição de olfato e paladar buscando apresentar a cosmopercepção afroindígena aprendida nos espaços vividos pelos proponentes.

Os autores deste, pesquisadores da linha de Cultura e Natureza do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), experimentaram ainda uma proposta de vivência em céu aberto, em espaço de livre acesso, pensada para corpos-territórios em constante disputa por si contra uma opressora e violenta cidade. A oficina “Yoga para todas, todes e todos” (Mendes & Reis, 2024), oferecida na Favela da Maré durante evento gratuito realizado no ano de 2023 foi pensada a partir das experimentações anteriores, em diálogo com as noções de Educação Popular propostas por Nogueira e Freire (1989). Prezando pela autonomia dos interlocutores (2014), ao elaborar a oficina para a favela, pensamos pequenos conjuntos de práticas que poderiam ser realizados um por vez ou, sequencial de uma só vez, compondo até uma hora de parada no cotidiano de lutas e resistências para revisão do que o corpo _ que luta e resiste _ soube até ali (Nogueira & Freire, 1989).

As pesquisas e os demais trabalhos dos proponentes da oficina são amparados por metodologias costumeiramente tidas outras quando recebidas pela academia em trabalhos, apresentações e/ou defesas. Ainda que bem recebida pelas correntes decoloniais, descoloniais e anticoloniais de pensamento, as formas do fazer são ainda categorizadas e analisadas por indicadores coloniais (Reis & Barreto da Silva, 2023). A última oficina buscou romper essa leitura desde seu resumo ao se apresentar amparada pelas “epistemologias do Vento e das Quadras” (Reis et al., 2024, p. 1), passando pela apresentação dos proponentes em que mencionaram suas avós gente e suas avós montanhas (Reis et al., 2023), e continuando neste trabalho que registra e publiciza como entendem a saúde para quem resiste consciente de si.

A oportunidade oferecida pelo evento “V Encontro Latino-americano de Investigadores(as) sobre Corpos

5 Ver mais em https://www.instagram.com/p/CiQyK3SukqF/?img_index=1. Acesso em 28.Abr.25.

6 Ver mais em <https://www.instagram.com/p/Csm5aRPL5hM/>. Acesso em 28.Abr.25.

e Corporalidades nas Culturas” de dar continuidade às propostas anteriores, agora ao dialogarmos a (cons) ciência do corpo de si com pesquisadores nacionais e internacionais da observação cotidiana do fazer ciência com os corpos e(m) movimento em distintas culturas, foi recebida com entusiasmo e a oficina foi construída pensando nesse público acadêmico, investigadores do corpo que se sentissem convidados pelo título e, portanto, se voltou para quem se interessasse em sentir-pensar-se (Fals Borda, 2009; Aguilar, 2020).

Corpo-Território-Natureza: a fundamentação do método

Reis (2021) se apresenta em sua dissertação como Corpo-Natureza que, ao estar na rotina acadêmica, Corpo-Território-Natureza em constante defesa de si. A autora destaca as violências sofridas por subjetividades pretas, tradicionais e originárias nos atravessamentos de leitura dos corpos, das corporeidades e na interpretação dos saberes corporais (Freire e Nogueira, 1989) produzidos no cotidiano de suas culturas de origem. Assim como Limulja (2019) narra seu compromisso com o povo Yanomami, com o qual passou tempos de sua pesquisa e junto ao qual busca lutar por justiça territorial e reparação histórica, Reis (2021) e Santos e Mayer (2020) firmam compromissos com a natureza que, desde suas apresentações, informam integrar.

Limulja (2019) em seus tempos com a etnia Yanomami aprendeu sobre o poder político dos sonhos para aquele povo. Escreveu sua tese, lançou um livro, outro livro (este infantil)⁷ e percorreu o país anunciando de seu lugar étnico-racial da branquitude, a importância da união e da organização para a luta por povos que ainda

sustentam o céu, sua cultura e os sonhos. Couto (2011), também um homem branco, em seu livro de ensaios construídos a partir de transcrições de palestras realizadas pelo continente Africano, mais de uma vez confronta os conhecimentos acadêmicos com os saberes corporais construídos e mantidos em pequenos povoados afastados e grandes cidades cuja cultura ainda se mantém em diálogo com a Natureza que a habita.

Ferdinand (2022), intelectual negro martinicano, vê nos fazeres organizados das culturas tradicionais, originárias e pretas que resistiram o que Ferreira (2022) defendeu como Pedagogias de Circularidade. Ferreira (2022) se debruça sobre os métodos de ensino, mediação e construção de conhecimentos em terreiros, assim como sobre a aprendizagem ser parte do fazer parte, tal qual fazer parte como um saber a ser aprendido. Ferdinand (2022) assume, como os Yanomamis em Limulja (2019), Freire e Nogueira (1989), Santos e Mayer (2020), Reis (2021) e Ferreira (2022), que a Natureza inscrita nos sujeitos pertencentes a culturas cuja tradição seja de integração, ensinando saberes a esses corpos que resistem mais que sobrevivendo, lutam mais que guerreando, vivem mais que resistindo.

Dona Evaristo (2017), nossa mais velha, e Reis et al. (2023), sentipensam a terra como Aguilar (2020) e Fals Borda (2009) nos lembram fazer quem veio antes de nós. Em seus escritos, trazem territorialidades ancestrais, identidades territoriais corporificadas em sujeitos da memória coletiva e símbolos imprescindíveis para as manutenções de culturas pretas, originárias e aliançadas. E, a partir das epistemologias descritivas da re-união do sentir e do pensar, dos encontros dos sentidos nas cosmo percepções originárias, tradicionais e afroindígenas e das resultantes resistências daqueles que ainda vivem sob essas lógicas e constroem seus saberes corpo(-)oralmente.

⁷ Ver mais em <https://www.ubueditora.com.br/autor/hanna-limulja.html>. Acesso em 25.Abr.2025.

Compreendemos que, instigados por estes e muitos outros intelectuais que aprendem com o povo e não se esquecem parte dele, nossas produções científicas sempre foram hifenizadas por serem também técnicas e/ou artísticas demais para a leitura hegemônica da Ciência, com c maiúsculo. E é nesse sentido que apresentamos o que nestes autores nos motiva e embasa a experimentar materiais e métodos diversos, distintos e muito conhecidos por nossas infâncias e por muitas vezes já esquecidos ou nem mesmo ainda visitados pela academia. Apresentamos adiante nossos processos de experimentação conjunta ou não que, em diálogos com os referências recém mencionadas e atualizações constantes, nos levaram à oficina em questão.

CorpoCiente: experiência de construir

A experimentação do corpo livre em ambiente fechado nos é curiosa e, portanto, fazemos muito uso dela em nossas próprias explorações. Isto é, quando em campo, experimentamos ser corpo livre originário que joga basquete, corpo livre afroindígena que capoeira, corpo livre gay que supervisiona. A questão para nós é: quanto livre está um corpo que age no mundo ocidental cansado (Han, 2017) e nem por isso menos reativo? Quanto livre pode ser um corpo cansado?

Nossas propostas práticas anteriores, apresentadas na primeira seção do manuscrito, demonstram nossa consciência quanto à essa subordinação dos corpos pretos e indígenas à luta diária, a resistência à continuidade opressora da colonialidade e, como já em 1989 apontaram Freire e Nogueira, o aprendizado pela falta.

Reis e Vinolo (2020) relatam experiência em ambiente escolar a partir de roda de conversa sobre corporalidades ancestrais que vivem no agora das infâncias de periferias

da cidade do Rio de Janeiro. O trabalho, que se dedica às infâncias da Zona Norte, região que ainda preserva aspectos da ruralidade da vida comunitária, dialoga com Mendes *et al.* (2024) na temporalidade dos materiais utilizados. Ambos se utilizaram de memórias em escrituras (Evaristo, 2017), músicas, artes visuais e no afeto para a construção conjunta de registros do aprendizado cotidiano daqueles interlocutores. Isto é, não se pressupõe ignorância ou vazio a ser preenchido, mas saberes corporais produzidos pelo cotidiano a serem reconhecidos, valorizados e debatidos (Freire e Nogueira, 1989).

Mendes *et al.* (2022) descrevem a espacialidade de memórias em uma mesa posta, também perpassando pelo afeto de quem organiza originalmente esse espaço, apresentam os alimentos e seus preparos como resultantes de saberes de preservação coletiva. Os autores de “Pedagogias das Quadras: Convites da Zona Norte para sensibilização ambiental pelo basquete” realizam ofício semelhante para demonstrar que os cuidados com a prática coletiva de basquete passam pela organização coletiva inter geracional, pela produção de um espaço ambientalmente generoso e, portanto, também as corporeidades produzem seus conhecimentos via afeto e Natureza (Mendes & Abranches Junior, 2023). Já Mendes & Reis (2023) falam sobre as identidades territoriais em um atleta amador de basquete que leva consigo quadras como a de Mendes e Abranches Junior (2023) na reação às divergências e outras situações que o afeto e o cuidado recebido por fazeres continuidade de memória de si enquanto Natureza podem promover.

E foi nesse sentido que construímos uma oficina pensada a partir dessa Natureza encerrada em corpos que, ainda que convidados à livre expressão, se perceberiam corpos limitados pela cidade como se dá nos dias atuais. E, portanto, Naturezas contidas, cercadas, isoladas, como a ideia inicial da civilização nas cidades. Com isso, queremos dizer que

partimos das epistemologias das quadras, das praças, das ruas e dos quintais de locais como a Zona Norte do Rio de Janeiro para reivindicar esse lugar de Corpo-Território-Natureza que se disputa com a cidade mais consciente de si enquanto encerrado em espaços produzidos para domesticação constante. Espaços esses mantidos por iniciativas coletivas, revitalizados e reinventados constantemente a muitas mãos, para muitas formas de ser e estar coletividade organizada em busca de bons conviveres (Acosta, 2016; Mendes & Abranches Junior, 2025) essa manutenção originária de extrapolar a luta por sobrevivência e se celebrar em vida.

Escolhemos o chão como único material obrigatório. Chamamos de material pois solicitaríamos (e o fizemos!) que este fosse experimentado em muitos sentidos e formas, assim como que os corpos dialogassem com seus materiais até que se percebessem pela relação estabelecida. Um exemplo dessa condução se dá em um momento bem introdutório em que pedimos que se sentem confortáveis, dentro do possível, sem muitas normas a se atender, se também possível. Combinados, nossas posições seriam diferentes, assim como estariam apoiadas em centros diferentes de distribuição do peso. Um proponente poderia estar de pernas cruzadas, enquanto que outro estaria de joelhos, por exemplo. Durante toda a oficina, trocamos de posição simultaneamente, não estando nunca na mesma forma de execução de nenhuma das posturas ou movimentos. Para escolhermos as experimentações com o chão que conduziríamos, voltamos às nossas infâncias em que um escrevia sentado no chão, outro gostava de brincar deitado em decúbito ventral. Organizamos ambas conduções vinculadas à infância com posturas da criança, do yoga clássico e falas dedicadas à contextualizações do brincar e, principalmente, do brincar-se.

Pensamos a progressão pedagógica da prática em uma perspectiva cronológica de início, meio e fim como propôs nosso mais velho, Nêgo Bispo (Santos e Mayer, 2020) e descreve Ferreira (2022). Começamos por propostas de infâncias que acabam de se perceber no mundo, convidando quem se inscrevesse a se perceber na sala, naquela universidade, no evento. Para tal, convidaríamos a considerarem como chegaram até ali e reproduzirem com seus corpos suas sensações em trânsito, chegada e caminho corporal até o momento presente em que conduzíamos. O meio foi considerado como o presente, a atualidade, o que sentiam naquele momento em seus movimentos, em suas pausas e permanências. Solicitamos compensações às dores e incômodos com tempo de até cinco minutos em cada autoinvestigação com nosso silêncio respeitoso e escutante dos corpos em micro movimentos de autocuidado. Por fim, o fim. Decidimos convidar a percepção da liberdade criativa da infância ainda presente em todas as pessoas que se permitem a tal. Nesse caso, pedimos que explorassem livremente o espaço com movimentos de expansão... Da respiração! Sugerimos que braços se abrissem e abdomens se inflassem com a entrada de ar, que pernas se espreguiçassem com a saída, mas também faríamos mais uma vez silêncio de escuta atenta e respeitosa aos corpos que se libertassem do julgamento e da potencialidade de limitação e até mesmo opressão de uma condução externa a si.

Encruzilhada Geopoéticas: considerações

As epistemologias dos ventos para nós são resultado de Encruzilhadas Geopoéticas (Reis, 2021) encontradas no fazer ciência quando se vem de onde viemos. Isto é, do encontro entre conhecimentos, saberes, fazeres, manuseios, sabenças, pertencas, pedagogias, Pedagogingas (Da Rosa, 2020) e toda sorte de inscrições corporais coletivas no mundo. E, em um mundo tão plural e diver-

so como o que vivemos, propusemos a oficina buscando atender a quem viesse, considerando o público do evento. E aqui encontramos uma grande lacuna: o pressuposto de que “público do evento” informaria alguma coisa a título de inclusão, adaptação e integração de participantes na oficina. Não fomos prontos para nenhuma dessas ações. Não contamos com intérprete de libras, não levamos materiais de compensação de desnível, não pensamos em adaptabilidades específicas de nenhum tipo. Entretanto, como as poéticas da vida, quando permitidas suas potenciais organicidades, constroem biomas inteiros via diferença, foi através justamente da construção de conhecimentos ao ventar da beira-mar que se deram as adaptações necessárias para a integração de participantes. Coletivamente, nos organizamos para ser brisa, vendaval, névoa e o que mais os ares⁸ que ventam, onde vivemos cada um de nós ali presentes, nos ensinou. E, com isso, consideramos ter atingido nosso objetivo inicial com a oficina, com presenças muito distintas: esperarçar que, apesar da busca pela domesticação de nossos corpos, a Natureza, que neles não se encerra, mas os liberta, pode ajudar a tornar um mundo ch’ixi⁹ possível (Cusicanqui, 2025).

Agradecimentos

A cada participante de nossa oficina, em especial à Silvia Rivera Cusicanqui, à Juliana Gabrois (GeoCorpo/UERJ) e às generosas contribuições, curiosidades e questões motivadoras deste relato, à Universidade Federal de Minas Gerais pela recepção e espaço bonito cedido à nossa prática, à Fundação de Amparo à Pesquisa do

Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ e à CAPES pela viabilização das pesquisas e da proposta, e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) pelo financiamento que permitiu a viagem para participação no evento.

Referências

Acosta, A. (2016). *O bem viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos* (T. Breda, Trad.). São Paulo: Autonomia Literária; Elefante.

Aguilar, L. F. B. (2020). Sentipensar el pluriverso: Legado del maestro Orlando Fals Borda para la sub-versión, la utopía y el buen vivir. *Collectivus, Revista de Ciencias Sociales*, 7(1), 64–73.

Couto, M. (2011). *E se Obama fosse africano?* São Paulo: Companhia das Letras.

Cusicanqui, S. R. (2025). *Um mundo ch’ixi é possível: Ensaios de um presente em crise*. São Paulo: Editora Elefante.

Da Rosa, A. (2020). *Pedagogia, autonomia e mocambagem*. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA.

Evaristo, C. (2017). *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas Editora.

Fals Borda, O. (2009). *Una sociología sentipensante para América Latina*. México, DF: Siglo XXI Editores.

Ferdinand, M. (2022). *Uma ecologia decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora.

Freire, P., & Nogueira, A. (1989). *Que fazer? Teoria e prática em educação popular* (2ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Freire, P. (2014). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

8 Respeitando o Ar como integrante proponente de tantos de nossos movimentos, quem nos permite expandir e cede espaço para nos acolher quando nos recolhemos, trazemos suas manifestações em maiúsculo, pois sujeito e dos que não nos sujeita, mas convida!

9 Proposição coletiva dedicada a apresentar “conceitos-metáfora” (Cusicanqui, 2025, p.18) que superam via realidades de culturas outras à ciência hegemônica binária e tão pouco criativa.

Ferreira, T. (2022). *Pedagogia da circularidade: Ensinações de Terreiro*. Digitaliza Conteúdo.

hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (Vol. 2). São Paulo: WMF Martins Fontes.

Han, B.-C. (2017). *Sociedade do cansaço* (E. P. Giachini, Trad., 2ª ed. ampliada). Petrópolis, RJ: Vozes.

Junior, N. A., & de Almeida Neto, A. M. (2015). Religião, gênero e território: Discursos midiáticos da Parada Gay de São Paulo. *Espaço e Cultura*, (38), 205–224.

Limulja, H. C. L. R. (2019). *O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos Yanomami (Pya ú Toototopi)* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 154 f.

Mendes, D. P., & Abranches Junior, N. (2023). *Pedagogias das quadras: Convites da zona norte para a sensibilização ambiental pelo basquete*. In *Anais do 12º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade*, Três Rios, RJ.

Mendes, D. P., & Abranches Junior, N. (2025). *Rituais de resistência no basquete da zona norte do Rio de Janeiro: Kethlen Romeu na paisagem*. In *Anais do V Congresso Brasileiro de Organização do Espaço*, Rio Claro, SP.

Mendes, D. P., Reis, C. T., Alaafin, R., Fajardo, M. R., Santos, J., Cruz, M., & Abranches Junior, N. (2024). *Ancestralidade e(m) educação ambiental na zona norte: Uma experiência territorial e geracional*. In *Anais do 13º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade*, Três Rios, RJ.

Mendes, D. P., & Reis, C. T. (2023). Territorialidades entre dribles: Uma experiência através do basquete amador do Rio de Janeiro. In *Anais da XIII Semana Acadêmica da Geografia UFSM – Geografia urbana e suas espacialidades* (p. 24). Santa Maria, RS: UFSM, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Curso de Geografia.

Mendes, D. P., Souza, P. C., & Reis, C. T. (2022). *Tá na mesa!: Uma reflexão socioambiental sobre a partilha de si de um*

corpo-terreiro. In *Anais da XII Semana Acadêmica da Geografia – Os Alimentos na Geografia e a Geografia dos Alimentos: Diferentes Perspectivas*. Santa Maria, RS.

Mendes, D. P., & Tomaz, C. R. (2024). “Como fala pra contrair o abdômen?”: Um relato sobre estranhamentos entre linguagens, corporeidades e epistemologias. In *Caderno de Resumos do Encontro Latino-americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas*. Belo Horizonte, MG: UFMG.

Reis, C. T. (2021). *Encruzilhadas geopoéticas na conservação da natureza: Territorialidades e guardas-parques em território Cunhambebe* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. 399 f.

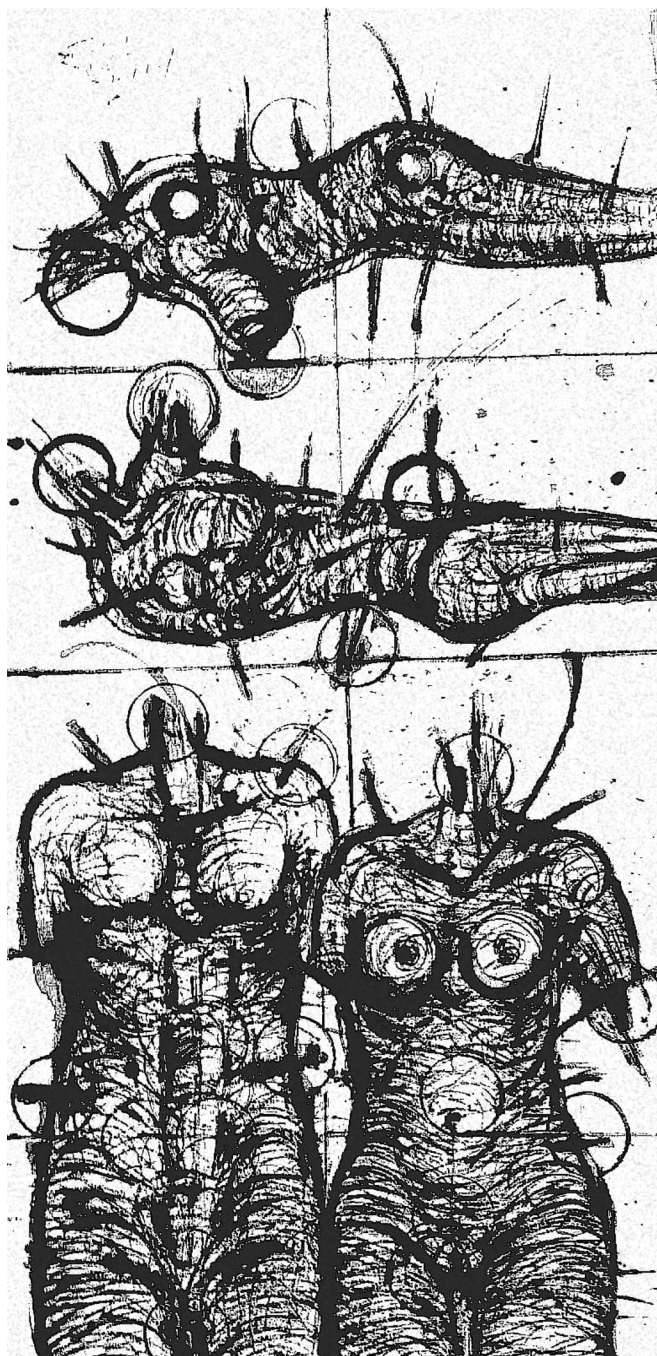
Reis, C. T., Barreto da Silva, R. M., & Silva, G. L. da. (2023). Guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá: Experiências com culturas populares em movimento. In A. Rocha & B. Vinolo (Orgs.), *O despertar das consciências: Tempo de esperar*. Rio de Janeiro, RJ: Sesc RJ.

Reis, C. T., Mendes, D. P., & Júnior, N. A. (2024). Corpociente e cidade: Corpo-oralidades em luta, saúde e a ciência de si e(m) resistência. In *Caderno de Resumos do Encontro Latino-americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas*. Belo Horizonte, MG: UFMG.

Reis, C. T., & Vinolo, B. de L. V. (2023). Corporeidades trans-temporais em experiência anti-higienista: Projeto Consciências Sesc Rio em ação. *Temas em Educação Física Escolar*, 8, e2316–e2316.

Santos, A. B., & Mayer, J. (2020). Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos. *Indisciplinar*, 6(1), 52–69.

Wagner, S. G., & Duarte, C. R. (2025). A ambiência peculiar do lugar quintal nas residências da zona norte do Rio de Janeiro. *Revista Interfaces*, 22, 89–96.



Transgresión-es. Edilberto Sierra Rodríguez. 2025.
Materiales para ensamblar un angel